

memória dos navegantes¹

terra incógnita

há uma terra a leste do coração,
meu amor,
para lá dos mundos naufragados,
à esquerda da esperança.
um lugar onde o veneno da beladona
é bebido em cálices noturnos,
e onde as adolescentes se deitam
com os primeiros lobos da manhã.
não tem nome, nem mapa, nem rota,
é uma terra de vento e luz,
onde deus está por inventar,
e o demo não desembarcou ainda
com suas filhas de prata.
é uma pulsante ilha no meu peito,
escuta-a, amor,
a terra onde poisarás a fronte,
e onde uma noite apenas
dura todo o sempre.

¹ Mancelos, João de. "Memória dos Navegantes". *Alma Azul: Revista de Artes e Ideias*, 3 (out. 2000): 21-29.

fogo de santelmo**(o mais frágil endereço para o vento)**

minha noiva incerta,
oceano decomposto em chuva
e sal e ferida,
onde os amantes trocam a noite
pelo vinho aceso da candura,
e o sorriso e a dor
partilham do único alfabeto.
minha noiva incerta,
quem conta as estrelas submersas,
o fogo de santelmo,
quando partes de margens vazias?
quem sabe que foste esposa e filha
de ulisses,
e o escutas ainda no peito
de cada pretendente?
quem conhece o seu coração,
rumorejando ao encontro
dessas ilhas onde um beijo
é o mais frágil endereço
para o vento?

à janela das ondas sem regresso

haverá um périplo para os amantes,
uma escala em estrelas antigas?
pergunto e penso em viagens pelas mãos
(noturnas mãos, insones mãos),
que ancoraram os teus pulsos à memória.
quantas mulheres foram, neste leito,
transatlânticos de prata,
longe, mais longe,
no éter das cidades anoitecidas?
e quantas mais teriam voltado
à grávida respiração dos oceanos
(os fluxos e refluxos do teu peito)?
pergunto e medito e naufrago,
ulisses de ítaca magoado
à janela das ondas sem regresso.

a velhice de ulisses

erro pelos oceanos da memória,
com o lúcido périplo das sereias.
talvez encontre a matéria
donde se fez fogo nos olhos claros.
ou a infância descalça sobre o cais.
talvez a sombra se sente nos joelhos,
as mãos sujas de sal e luz,
e encoste ao ouvido o resto do verão.
ó éter instável da lembrança,
ó cidades que fundei,
onde estais agora, que a alma adormece?
ninguém responde,
os aposentos devolutos da memória,
o rosto voltado contra o vento,
a mão tão rasa de nada.

galera morta

a minha galera ardida repousa
de rosto rente à pedra.
como os amantes, prescinde da fala,
desenganada de tanto e tanto mar.
o sol alastra no seu dorso
e volve a madeira porosa,
mais leve que a canção.
no lugar dos crivos,
resta uma sangria de ferrugem
e os lábios que unem a quilha
têm sede e sede e sede.
piedosos, os cães e as crianças
urinam no seu casco.

o corpo doído ou doido

apenas isto: um parágrafo ainda
antes das águas se apagarem.
é tudo quanto peço,
a mão cheia de vespas,
o corpo doído ou doido.
um parágrafo que engane a noite,
uma ilha, um trópico onde arder,
a latitude do teu ventre,
para onde todo o corpo flui.
apenas isto – um parágrafo mais,
e contigo irei, ítaca minha,
navegando uma estrela noite dentro.